



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
O Esporte Pode Tudo			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Vitor Marinho de Oliveira	Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UFRJ / UERJ	Colaborador / Adjunto
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O processo de desideologização no mundo atual não deixou de contaminar a historiografia, aí incluindo os historiadores do Esporte. Nem sequer conseguimos entender nosso próprio corpo, por intermédio do qual se manifestam as práticas esportivas. Em uma perspectiva materialista vulgar, somos aquilo que comemos. Podemos, em uma perspectiva oposta, entender o ser humano (e seu corpo) como produto de suas múltiplas determinações. Diz-se tudo de bom sobre o esporte. Afasta das drogas, combate à violência, reintegra deficientes físicos etc. Desde muito se idealiza esta prática social. No mundo ocidental, pelo menos desde a Antiguidade grega. O esporte não é o responsável pelas grandes mazelas sociais. Não foi a vitória brasileira na Copa de Mundo de 1970 que ratificou a ditadura militar. Mas fez parte do processo de produção de consenso em torno da idéia de que vivíamos um momento glorioso de nossa História. Atualmente, existem as contradições inerentes à prática esportiva. O esporte não é o responsável pela saúde da população, mas participa do processo. Como? Treinando meninos desde os dez anos para irem para a Europa e ficar ricos jogando bola? A que custo estes garotos ficam mais fortes para melhor desempenharem suas atividades atléticas? Músculos e articulações destroçados em nome do lucro. Já o Socialismo aponta para a proposta mais generosa que o homem já concebeu: o Comunismo. Uma sociedade sem classes. A teoria já existe, é a marxista-leninista. Superado o Capitalismo, o esporte ocupará um lugar de destaque social. Todos poderão praticá-lo, sem interesses comerciais e/ou assistencialistas.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Esporte – Capitalismo – Possibilidades de intervenção			
ABSTRACT			
<p>The process of desideologização in today's world no longer contaminate the historiography, including where historians of Sports. Can not even understand our own body, through which are manifested sports. In a vulgar materialist perspective, we are what we eat. We can, in an opposite perspective, understand the human being (and body) as a product of its multiple determinations. It is said everything good about the sport. Stay away from drugs, combating violence, etc. reintegrates disabled. Since much has idealized this social practice. In the Western world at least since Greek antiquity. The sport is not responsible for the major social ills. There was victory in the Brazilian World Cup 1970 which ratified the military dictatorship. But he was part of the production process of consensus around the idea that we lived a glorious moment in our history. Currently, there are contradictions inherent in the sport. The sport is not responsible for the health of the population, but participates in the process. How? Training ten years since the boys to go to Europe and get rich playing ball? At what cost these boys get stronger to better perform their athletic pursuits? Muscles and joints shattered for profit. Socialism already points to the proposal more generous man has ever conceived: Communism. A classless society. The theory already exists, it is the Marxist-Leninist. Overcome Capitalism, sports occupy a place of social prominence. Everyone can do it without commercial interests and / or welfare.</p>			
KEYWORDS			
Sports – Capitalism – Possibilities of intervention			

Há muito esta problemática me acompanha. O esporte pode tudo, mesmo? Acho que há mais de dez anos já discutia o tema com meus alunos e orientandos. Em um dos capítulos deste livro, por exemplo, há uma breve referência sobre a temática. A primeira vez que tentei sistematizá-lo talvez tenha sido em um Seminário que dei na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), em 2002.

Recentemente escrevi o Prefácio de um livro e a questão voltou à tela, desta vez porque a obra tratava do esporte e a juventude brasileira.

O processo de desideologização que o mundo moderno (pós) vem passando não deixou de contaminar, com honrosíssimas exceções, a historiografia atual, aí incluindo os historiadores da Educação Física e do Esporte. Tudo em nome de um mal definido rigor científico. Os pesquisadores, nesse movimento, colocam-se acima das forças do bem e do mal, isentando-se de avaliações que os comprometam ideologicamente. Para eles, entretanto, este seria o papel do verdadeiro intelectual, o único ser capaz de ter uma visão panorâmica dos fenômenos que os cercam. Não entendendo que eles também são produzidos por estes mesmos fenômenos. Fazem parte do jogo, e dessa forma inviabiliza-se qualquer forma de isenção. Estão comprometidos, mesmo que não o queiram.

Nem sequer conseguimos entender nosso próprio corpo, por intermédio do qual se manifestam as práticas esportivas. Em uma perspectiva materialista vulgar, somos aquilo que comemos. Por mais simplificada que seja esta imagem do ser humano, ainda encontramos seus defensores, especialmente entre aqueles que querem nos vender algum tipo de alimento miraculoso. Em uma perspectiva fenomenológica, colocamos nosso corpo “entre parênteses”, isolando-o de todo o processo histórico que o produz. O homem, individualmente, é o responsável por tudo que lhe acontece, deixando de lado as condições materiais de sua existência.

Podemos, em uma perspectiva oposta, entender o ser humano e seu corpo como produto de suas determinações, sejam elas de ordem cultural, biológica, social e, principalmente, econômica. Em outras palavras, trata-se do materialismo histórico e dialético, fundamentado em pressupostos desenvolvidos por Marx e Engels. Até os homens dividirem-se em classes sociais, o ser humano era “dono de seu próprio nariz”. A partir do instante em que as forças produtivas desenvolveram-se e determinados grupos sociais apropriaram-se dos meios de produção, começa a exploração do homem pelo homem, onde os privilégios de classe colocam-se acima da necessidade individual e coletiva. Ao acompanharmos a evolução histórica da humanidade, percebe-se o surgimento da escravidão (primeira forma organizada de exploração) até a sua forma atual e mais elaborada, que é o Capitalismo.

Estranho o estranhamento que o esporte é capaz de causar. Diz-se tudo de bom sobre ele. Afasta das drogas, é eficaz no processo de ressocialização, é prática democrática, proporciona saúde, combate à violência, reintegra deficientes físicos, e tal e coisa. Não é de hoje que se idealiza esta prática social. No mundo ocidental, pelo menos desde a Antiguidade grega. Os tão louvados Jogos Olímpicos são um belo exemplo. Romantizados, são sempre apreciados por seus valores positivos. Não se percebe, entre outros, seu caráter altamente discriminatório. As mulheres e os escravos não

tinham sequer acesso aos estádios onde se desenrolavam as provas atléticas. Havia exceções, é claro. Os escravos, por exemplo, eram quase sempre os condutores das bigas, corrida que por suas contumazes quedas, muitas vezes matavam seus partícipes. Os Grandes Jogos gregos (os Olímpicos entre eles) eram, como não podiam deixar de ser, produzidos historicamente. Como tal, eivados pelas contradições da sociedade que os produziram. Os Jogos Ístmicos, por exemplo, eram realizados no istmo de Corinto, um grande (ou o maior, mesmo) centro de comércio da Grécia Antiga.

A Grécia, não sendo uma federação, tinha suas cidades-estado em constante luta por hegemonia. A vitória nas grandes competições, não realizava tal hegemonia, porém as referendava. Nessa medida os lutadores untavam seus corpos não só por questões higiênicas, como também para simular o suor das batalhas; é a identificação das atividades físicas com a formação do guerreiro.

Roma Antiga, em seu declínio imperial, utilizava as atividades físicas para o já citado estranhamento, que nada mais é do que a alienação. Apesar de as tentativas reacionárias de desqualificar a então política do pão e circo, este seria o mais emblemático exemplo da tentativa de afastar o povo das grandes questões sociais. Os estudiosos – especialmente da Educação Física – ficam a estudar os sentidos e significados e esquecem de buscar a realidade concreta dos fenômenos. Esta concretude implica em entender o Mundo Antigo já dividido em classes, ou seja, as dominantes - que eram as proprietárias dos meios de produção - explorando os trabalhadores de então, os escravos. Nada acontecia sem que os interesses da classe dominante fossem atendidos.

Talvez seja ocioso levantar exemplos contidos na Idade Média. Agora não tínhamos mais escravos. Não mesmo? Eram os servos das glebas que produziam para os donos das terras. E tinham que cumprir “cotas” que os obrigavam, com suas mulheres e filhos, a trabalhar até 16 horas por dia. Aqueles que querem enxergar avanços observam que, agora, os trabalhadores podiam casar. Esquecem, quase sempre, do “direito da pernada”, ou seja, o senhor feudal tinha o direito da primeira noite. Aliás, é bom lembrar que *servus* em latim significa escravo.

Trabalho físico sistemático, só para os cavaleiros medievais, semi-analfabetos e situados no mais baixo clero da nobreza. Eles faziam o serviço de segurança dos senhores feudais. É claro que pesquisadores também registram centenas de jogos praticados nos feudos. Com isso os conservadores insinuam, de alguma forma, existirem momentos de felicidade. Que coisa!

Na chamada Idade Moderna consolida-se uma classe que vinha sendo gestada desde meados da Idade Média: a burguesia. Esta surgiu de lutas contra a opressão medieval e, pouco a pouco, o seu poder econômico a coloca em condições de derrubar o *ancien regime*. Isso acontece entre 1789 e 1848. A burguesia toma a Bastilha, a nobreza retoma o poder entre 1815, burguesia reconquista-o

em 1830, consolidando-o em 1848. Neste ano, acontece o massacre de proletários, que já sob o Capitalismo, começavam a organizar-se. Foi a Primavera dos Povos. A burguesia, assentada no poder, dispensa trabalhadores e camponeses que a ajudaram na Revolução que, em princípio, não era só dela. Deixa de ser uma classe revolucionária, tornando-se absolutamente reacionária. Até hoje.

Exatamente neste ano de 1848, Marx e Engels publicam o panfleto mais importante que já se produziu na História: o Manifesto Comunista. Foi o marco teórico para o aprofundamento da luta revolucionária. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento das forças produtivas aguça as contradições do Capitalismo, também ajudam a produzir consenso em torno das idéias da classe dominante. Trabalhadores alfabetizados têm melhores condições de se organizarem na luta, mas ao mesmo tempo ficam mais suscetíveis à propaganda burguesa. É bom lembrar que rádio, televisão, Internet e que tais estão sob o controle capitalista. Por mais que sempre exista espaço para a luta contra-hegemônica. Marx e Engels já houveram dito, pouco antes do Manifesto, que as idéias dominantes são as idéias da classe dominante.

Essa produção de consenso em torno das idéias dominantes dá-se em todos os espaços sociais, e não apenas na mídia. A Escola é um desses espaços. Educar passa a ser, antes de nunca, o grande mote da burguesia para sua dominação. Destaco Helvétius, que no bojo da Revolução burguesa afirmou que a Educação pode tudo. Cristalizados os valores de uma classe então revolucionária, acredito por extensão muitos ainda pensem que o esporte também pode tudo. Claro que a prática esportiva não é um fenômeno que reproduza mecanicamente a estrutura social em um determinado momento histórico. Este momento, entretanto, estabelece limites diante dos quais nenhum fenômeno está imune. São as chamadas determinações históricas - tão mal compreendidas por conservadores/reacionários - que as confundem com determinismos, reducionismos e outros ismos. O entendimento do esporte enquanto fenômeno social não pode considerá-lo como parte de uma realidade, desvinculada do todo social. Não podemos colocá-lo “entre parênteses”, esquecendo as condições e produção de sua existência.

É óbvio que não podemos cair na contradição de supervalorizar o processo de instrumentalização do esporte, considerando que ele seja o responsável pelas grandes mazelas sociais. Não foi a vitória brasileira na Copa de Mundo de 1970 que ratificou a ditadura militar em que estávamos atolados. Mas fez parte do processo de produção de consenso em torno da idéia de que vivíamos um momento glorioso de nossa História. Foi a época da construção de grandes estádios, como por exemplo, o de Erechim (RS), com capacidade para 45.000 espectadores. Esta cidade, à época, não tinha esta população.

Quando se fala em esporte, não se pode deixar de enxergá-lo em sua dimensão pedagógica e, como a educação é um bem cultural, a prática esportiva é muito mais que simples deslocamentos pelo espaço, saltando, nadando e batendo recordes. É produção de cultura em seu sentido mais amplo. É processo de produção de consciência saudável, onde os jovens competem, sim, mas aprendem a jogar com os outros, e não contra os outros. Esta lição é incorporada a seus valores, contrariando máximas sob as quais temos sido educados, do tipo “cada um por si e Deus por todos”.

Nos dias de hoje, mais do que nunca a proposição de Helvétius está presente na Educação Física / Esporte. O que não se consegue enxergar são as contradições inerentes à prática esportiva. É lógico que o esporte não é o responsável pela saúde da população. Ao Estado cabe esta tarefa. Mas a prática de atividades físicas participa do processo, sem dúvida. Mas de qual forma? Treinando meninos desde os dez anos para irem para a Europa e ficar ricos jogando bola? Quantos brasileiros atingem este ponto? E mais. A que custo estes garotos ficam mais fortes para melhor desempenharem suas atividades atléticas? Mesmo descartando-se a questão dos anabolizantes, resta o sobre-treinamento, para que o resultado surja mais rápido. Músculos, articulações e tendões destroçados, tudo em nome do lucro, que é a lógica do Capitalismo. É bom lembrar que os atletas que jogam no Brasil passam pelo mesmo processo. Isso dá saúde? Não, mas alimentam projetos que buscam talentos. As escolas e escolinhas esportivas são as maiores vítimas. Ou melhor, as crianças são as maiores vítimas.

A maioria fica em nosso país, mesmo. Poucos, entretanto, têm tempo para estas práticas. O trabalhador brasileiro (para falar apenas de nós) continua na labuta, muitas vezes, aquelas dezesseis horas da época medieval. Seus filhos não podem ir à escola, pois têm que ficar tomando conta dos irmãos menores ou ajudando na renda familiar. Quando isso acontece em menor intensidade, não há transporte para a escola mais próxima. E não podemos deixar de considerar que estamos falando daqueles que têm emprego. Para os desempregados e sub-empregados, não resta muita coisa. Ao desemprego somam-se doenças que atingem todos na família. É o caos total. Será que a prática do esporte ajuda? Os reacionários afirmam que ainda podem jogar uma “peladinha” no final de semana...

As políticas públicas são um instrumento para projetar o tipo que homem uma determinada sociedade precisa. As políticas de caráter educacional têm, neste sentido, uma responsabilidade ímpar, definindo conteúdos e normas de ação para a justiça social. Políticas educacionais sempre existiram, complexificando-se à medida que a divisão social do trabalho também fica mais refinada. A Educação é uma prática social, o que faz com que ultrapasse os muros da Escola, “invadindo” todos os espaços sociais. A luta de classes está presente em todos estes espaços, o que

torna a ação do professor da mais alta responsabilidade. Daí a importância da relação prática/teoria/prática, de modo a podemos desenvolver objetivamente uma práxis pedagógica.

Saúde, educação esporte, emprego e tudo o mais que atendam a demandas sociais. Só podemos entendê-las enquanto políticas públicas integradas. Isoladamente, nada valem. Visto em si, o esporte pode tudo, sim, tal qual a Educação para Helvétius. Visto no conjunto de bens produzidos socialmente, o esporte ainda está longe de atender as demandas do Coletivo. Isso porque este Estado que aí está é burguês, só atendendo a interesses da classe dominante e a uma determinada faixa (pequena) das chamadas classes médias. Quase ninguém. A grande massa fica jogada à própria sorte, esperando uma ou outra iniciativa de caráter assistencialista.

Não acredito que a sociedade organizada em moldes capitalistas possa resolver os problemas que enfrentamos. Até porque faz parte de seu ideário manter (amenizando um pouquinho, se possível) o sofrimento da Humanidade. A História mostra as transformações pelas quais vêm passando a sociedade. Os ideólogos do Capital dizem que chegamos ao fim da linha. Não é verdade. As contradições sociais continuarão existindo, empurrando-nos para novas etapas históricas.

O Socialismo, sem dúvida, aponta para a proposta mais generosa que o homem já concebeu: o Comunismo. Uma sociedade sem classes. A teoria já existe há muito, é a marxista-leninista. Sei que para a maioria, hoje em dia, isso é um anacronismo, para não dizer uma maluquice. Estão – quase todos, pois sobramos pouquíssimos – contaminados pela ideologia burguesa veiculada em todos os espaços possíveis. Chegam do trabalho, vêem aquele jornal televisivo, apreciam aquela novela maravilhosa, e terminam deslumbrando-se com o Brother. Que coisa...Tudo isso “Muito Além do Cidadão Kane”.

Está claro que só acredito em mudanças substantivas depois de uma Revolução que altere toda a estrutura que aí temos. Mas o que fazer, até lá? Cruzar os braços e esperar? No que toca à Educação e, particularmente, à Educação Física, temos a tarefa de esclarecer e promover ações que elevem o patamar de consciência de nossos alunos, no caso da sala/quadra de aula. Necessário se faz mostrar que é possível ser diferente, apontando caminhos para este diferente. Alguns (muitos) dirão que isso é “fazer cabeça”. Será? O Brother “faz cabeça” e ninguém reclama.

A ideologia liberal (capitalista) diz que transformamos a sociedade via Educação. Não é verdade. Mas o processo pedagógico participa do processo de transformação social, por intermédio de uma luta contra-ideológica. Estou a falar de valores. Em uma quadra de aula, por exemplo, observamos a exacerbação do individualismo e da competitividade, característica do universo burguês. Porque não trabalharmos a colaboração, a cooperação? O frescobol é um esporte que jogamos para o “adversário” não errar.

Acredito que a prática de atividades físicas podem ser benéficas, dependendo de seus fins. Reitero que, superado o Capitalismo, o esporte pode ocupar um lugar de destaque social, a começar pelo fato de que as oportunidades serão iguais. Todos terão oportunidade de praticá-lo, sem interesses comerciais e/ou assistencialistas.